

AS RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO

Novas pesquisas ou renovação da pesquisa?

Nos anos 50, para as mulheres que se engajavam na pesquisa e na ação social e política, o importante era se opor a qualquer fechamento em um campo reservado do feminino e promover o mais possível práticas mistas: para algumas, nada de cuidar da questão "mulheres". Poderíamos citar também o testemunho daquelas que, às vezes de maneira reticente, assumiram logo depois da guerra responsabilidades nos partidos políticos, principalmente entre os comunistas, sobre a questão das mulheres. Em relação ao feminismo desses anos, ou até das pesquisas em ciências sociais no mesmo período, o que chama a atenção no feminismo dos anos 70 é a ruptura pelo advento de um movimento não misto¹. Aquilo que viria assim a marcar a originalidade do MLF (Movimento de Liberação das Mulheres) enquanto movimento social também se manifestará quando as questões colocadas pelo movimento feminista forem retomadas pelas estudantes e professoras no fim dos anos 70 e quando da institucionalização das pesquisas feministas, nos anos 80. Enquanto equipe de pesquisa reconhecida pelo CNRS (Centro Nacional de Pesquisa Científica) ou pela universidade, como se distinguir dos grupos de mulheres? Ao nosso ver, não era uma rejeição do militância, mas pelo contrário, teria havido uma forma de usurpação da prática militante se a distinção não ficasse estabelecida. Se tomarmos o exemplo de nossa equipe, o GEDISST, criada em 1984, enquanto equipe pertencente à instituição não se pensava em chamá-la grupo feminista. Nossa vontade de dar um testemunho de filiação ao movimento feminista, nós a pensávamos nas formas de trabalho que desejávamos instaurar entre nós. Uma dessas filiações consistia em lembrar que para nós o trabalho científico não era um procedimento individual, porém fazia parte de um trabalho coletivo e de suas

¹ Cf principalmente BAUDOUX, Claudine e ZAIMAN, Claude (org.). *Egalité entre les Sexes Mixité et démocratie* Paris: L'Harmattan, col. Logiques Sociales, 1992, 302 p.

ligações necessárias com o movimento social; a marca dessa afirmação se traduziu pela vontade de promover uma direção colegiada de nossa equipe, prática relativamente rara dentro do CNRS e principalmente em ciências sociais.

No plano dos conteúdos da pesquisa, já tem sido freqüentemente enunciado em que medida a ruptura verificada nos anos 70 se refere tanto à crítica dos saberes constituídos como elementos consubstanciais da dominação, quanto à análise dos fundamentos dos processos que asseguram a diferença entre os sexos e a reprodução das relações de dominação. Nesse campo, o trabalho de Nicole-Claude Mathieu, Christine Delphy e Collete Guillaumin permanece básico: em 1977 é criada a revista *Questions Féministes*, hoje *Nouvelles Questions Féministes*. Os anos 80 correspondem à difusão de cursos feministas nas diversas disciplinas e a sucessão de colóquios, mais particularmente em História e Sociologia, que marcam o lugar que as pesquisas feministas tomam em cada campo. Sobre algumas das etapas da institucionalização das pesquisas, citemos a avaliação feita pelo CNRS: "Em outubro de 1983, fica concretizado o reconhecimento oficial das pesquisas feministas na França, com a criação de uma ação programada sobre o tema Pesquisas sobre as Mulheres e Pesquisas Feministas. A existência dessa ação temática programada está ligada diretamente com o colóquio de Toulouse de dezembro de 1982. Esse colóquio nacional, *Mulheres, Feminismo, Pesquisa*, realizou uma mobilização sem precedentes, reunindo mais de 800 pesquisadoras. Isso não foi fruto de geração espontânea; ele fora precedido de um certo número de outras manifestações que desde 1975 vão marcando o desenvolvimento dessa pesquisa. Em Aix, em 1975, sob o impulso do Centro de Estudos Femininos da Universidade da Provença (CEFUP), realizava-se um colóquio sobre *As Mulheres e as Ciências Humanas*. (...) Esse colóquio foi seguido de vários outros, mais especializados, porém sempre pluridisciplinares: 1978 em Paris VIII-Vincennes, *As Mulheres e a Classe Operária*; 1980 em Lyon, *As Mulheres e o Trabalho*; correlativamente, criavam-se grupos de estudo nas universidades: depois do Centro de Estudos Femininos na Universidade da Provença (CEFUP) em 1972, o Centro Lionês de Estudos Feministas (CLEF) na Universidade de Lyon II, o Instituto de Pesquisa e Estudos Femininos (IREF) em 1974 na Universidade de Paris VIII-Vincennes, o Grupo de Estudos Feministas (GEF) em 1975 na Universidade de Paris VII, o Grupo de Pesquisa e Informação de Estudos Feministas (GRIEF) em 1978 na Universidade de Toulouse - Le Mirail. (...) Esse desenvolvimento da pesquisa 'dentro da instituição' estava ligado a seu impulso 'fora da instituição', como se dizia na época e como comprova principalmente o seminário *Limites-Fronteiras* que funciona em Paris desde 1980"².

Os anos 90 conhecem ao mesmo tempo aprofundamento e divulgação dos debates. Essa evolução dos conteúdos da pesquisa é o que a

² CNRS *Recherches sur les Femmes et Recherches Féministes Présentation des travaux, 1984-1987*, Paris: CNRS, 1989, p. 1-2.

introdução da obra *Sexe et Genre* apresenta, uma síntese dos trabalhos sobre um dos temas do programa de pesquisa do CNRS, Pesquisas sobre as Mulheres e Pesquisas Feministas. Passa-se "de uma atenção voltada aos sexos e a suas características - sendo os sexos vistos como 'entidades separadas', mas efetivamente a mulher a única 'entidade' estudada - a um interesse pelo **sexo** e pelas categorias que ele subentende, ou seja, pelo próprio princípio da **categorização por sexo**"³. No plano das manifestações, há um grande número de iniciativas. Entre elas, deve-se reconhecer um lugar especial para o colóquio de Toulouse, coordenado por Marie-France Brive, no âmbito do bicentenário da Revolução de 1789: *As Mulheres e a Revolução*, colóquio internacional que marcará uma etapa importante na renovação das pesquisas sobre as mulheres na vida política. Finalmente, em 1991, é a publicação em cinco volumes da *História das Mulheres no Ocidente* (*L'Histoire des Femmes en Occident*), organizada por Georges Duby e Michelle Perrot⁴.

Ao mesmo tempo, o desenvolvimento da pesquisa tem que enfrentar de maneira renovada as questões que continuam a ser colocadas pela tensão entre as práticas militantes e a crítica institucionalizada. Dito em outros termos, trata-se da questão, que se poderia qualificar de recorrente, referente à evolução das relações, e da articulação, muitas vezes dolorosa para nós, francesas, entre a instituição e o que está fora da instituição. Se considerarmos o quase desaparecimento do feminismo enquanto movimento social autônomo⁵, estamos enfrentando agora a dinâmica de uma dupla contradição: de um lado, com a oposição de um novo feminismo, que se poderia chamar feminismo da igualdade das oportunidades, ao feminismo radical "revolucionário" em suas dimensões igualitária e diferencialista - e existe também um feminismo difuso, partilhado por uma população bem mais ampla do que a representada pelo engajamento militante; de outro lado, pelo fato da confrontação com um meio de pesquisadores que não pára de aumentar e que absorve, nem sempre reconhecendo suas fontes, os avanços das pesquisas feministas.

Foi para responder a essas questões que formulamos, dentro da associação ANEF⁶, o projeto da coleção *Recherches*, que tem como um dos eixos de sua política editorial a reedição de textos que tenham contribuído amplamente para inspirar a reflexão feminista e a reabertura atual das

³ HURTIG, Marie-Claude, KAIL, Michèle e ROUCH, Hélène (org.) *Sexe et Genre - de la hiérarchie entre les sexes* Paris: CNRS, 1991, 281 p.

⁴ DUBY, Georges e PERROT, Michelle (org.) *L'Histoire des Femmes en Occident* Paris. Plon, 5 v., 1991/1992.

⁵ Cf. principalmente o artigo de DELPHY, Christine *Féminisme et Recomposition à Gauche*. *Politix*, 1, inverno de 1992.

⁶ A Associação Nacional dos Estudos Feministas (ANEF), criada em Junho de 1989, tem como objetivo desenvolver esses estudos e favorecer sua difusão. Ela publica, entre outros, três vezes por ano, o *Bulletin de l'ANEF*, que informa sobre os cursos, colóquios, licitações e publicações na França e no exterior.

ciências sociais⁷. Efetivamente, a questão da edição e da difusão de nossas pesquisas, as possibilidades de edição e tradução são primordiais. E foi exatamente essa questão que constituiu um dos objetivos de nosso colóquio do Rio. Mais precisamente, reunimo-nos pela proximidade lingüística das línguas latinas, onde o uso do francês foi de certo modo escolhido como um vínculo, reunimo-nos, mais simplesmente, por uma certa oposição à dominação da língua inglesa. Nada de mais empobrecedor na experiência humana e sua relação que a redução do discurso científico a uma só língua, quaisquer que sejam seus méritos intrínsecos. É necessário, portanto, que a diversidade lingüística se mantenha nas pesquisas em ciências humanas e sociais, e que o diálogo inclusive, naturalmente, com os pesquisadores de língua inglesa, seja permitido pelas políticas de tradução e publicação mais que pela imposição de um monolingüismo internacional.

Pois esse jogo das culturas é fecundo, não apenas pela contribuição original de cada uma delas, mas também pelo jogo de espelhos compreendido na troca, pelas transformações induzidas por ela. As idéias, os conceitos, nunca são traduzidos diretamente, com todo o tecido de relações, oposições, conotações que lhes dão sentido em sua cultura e sua língua de origem. Cada transferência, cada viagem, cada tradução implica reapropriações que fazem com que esse sentido evolua e que, na transferência às avessas, na re- tradução, ganhem novas cores que surpreendem e estimulam os autores primeiros. Certamente pode-se dizer tudo em todas as línguas, mas cada cultura organiza o mundo de uma maneira original.

A construção do *French feminism* pelas pesquisas americanas é disso um exemplo particularmente marcante, que se podia considerar um paradoxo. O aprofundamento e a difusão das pesquisas francesas lançavam um novo desafio multíssimo apaixonante: o que líamos a respeito do *French feminism* nas pesquisas americanas nos parecia uma deformação do que havia sido nosso pensamento, mas também nos provocava a uma nova elaboração. Remeto aqui ao artigo de Eleni Varikas no número de *Futur Antérieur* sobre "os feminismos de hoje"⁸.

O desenvolvimento das pesquisas feministas ao longo dos 20 últimos anos, dentro das instituições acadêmicas de pesquisa e outras, teve como conseqüência evoluções diversas e que esquematicamente se podem resumir como sua inscrição em um duplo movimento: por um lado, a abertura da pesquisa e a definição de novos campos; por outro lado, a renovação teórica das pesquisas existentes. Entretanto, a dinâmica desse duplo movimento não conhece a mesma amplitude em todas as disciplinas. Se as ciências sociais consideram mais ou menos a diferença entre os sexos como parte integrante da definição de seu objeto, é apenas em Sociologia que essa questão está

⁷ Coleção *Recherches* nas edições *Côté-femmes*, coordenada por Marie-Laure Arripe, Cristelle Bonis, Dominique Fougeyrollas e Hélène Rouch.

⁸ VARIKAS, Eleni. *Féminisme, Modernité, Post-modernisme: pour un dialogue des deux côtés de l'océan. Futur Antérieur*, Les Féminismes Aujourd'hui, suplemento, 1993.

claramente colocada. Mas surge então uma nova questão: por trás da banalização da difusão de novas evidências, como fazer com que sejam reconhecidas as problemáticas feministas como contribuição à renovação teórica e metodológica da pesquisa?

Mais de dez anos depois da publicação de *Sexe du Travail* (Sexo do trabalho)⁹, uma primeira avaliação no campo do trabalho e da família me parece interessante como ilustração das tendências que caracterizam a retomada das pesquisas em curso. Do ponto de vista do tema das pesquisas, tem-se a tentação de enfatizar a que ponto, na França, a análise das práticas sociais das mulheres privilegiou o enfoque do trabalho - trabalho doméstico, trabalho profissional. A questão primeiramente foi a do não reconhecimento do trabalho feminino de maneira integral nas transformações sociais, por ser considerado como secundário, o que é muito bem ilustrado pelo título da obra de Margaret Maruani: *Mais Qui a Peur du Travail des Femmes?* (Mas quem tem medo do trabalho das mulheres?)¹⁰. A questão, agora no cerne do debate político, é certamente a da igualdade, igualdade sempre enunciada porém o tempo todo adiada a julgar, entre outras coisas, pela manutenção das desigualdades de remuneração entre as mulheres e os homens.

Vários elementos podem esclarecer essa centralidade da questão do trabalho: o itinerário pessoal das pesquisadoras envolvidas e as ligações com o movimento operário, a importância da prática profissional. A participação no trabalho profissional é particularmente marcada na França, e redobrada por tempos longos de trabalho doméstico. As sondagens de orçamento/tempo constatam assim a amplitude na França do tempo de trabalho obrigatório - trabalho profissional e trabalho doméstico - em relação a outros países europeus. Na escala européia, as francesas são as mais laboriosas¹¹. E, reciprocamente, o tempo de participação nas atividades associativas é pequeno.

Essa primazia do trabalho nas pesquisas feministas pode ser lida a *contrario* nos temas prioritários, pouco explorados, propostos pelo programa do CNRS em 1983; referem-se "à crítica feminista das ciências, (...) a alguns dos mecanismos institucionais de produção e reprodução das desigualdades entre sexos" e finalmente "ao estudo histórico e comparativo dos movimentos de liberação das mulheres dos anos 70 e das práticas militantes e culturais das mulheres no século XX"¹². Entretanto, hoje ainda, é em torno do tema do mercado de trabalho que se constitui um projeto de grupo de pesquisadoras

⁹ COLETIVO, *Le Sexe du Travail. Structures familiales et système productif*, Grenoble: Presses universitaires de Grenoble, 1984, 320 p.

¹⁰ MARUANI, Margaret. *Mais qui a Peur du Travail des Femmes?* Paris. Syros, 1985, 176 p.

¹¹ "A França é um dos países onde as mulheres dedicam ao mesmo tempo mais tempo ao trabalho profissional e ao trabalho doméstico". ROY, Caroline. *Les Emplois du Temps dans Quelques pays Occidentaux. Données Sociales*, INSEE, 1990, p. 225

¹² "Fomos levadas, realmente, a excluir temas onde já existiam pesquisas feministas e sobre as mulheres: o trabalho, a família, a educação por exemplo". CNRS *Recherches sur les Femmes et Recherches Féministes. Présentation des travaux, 1984-1987*, op. cit., p. 4,5.

dentro do CNRS e na Universidade: o projeto do MAGE dentro do CNRS¹³. Pode-se notar também que essa prioridade do tema do trabalho volta a se encontrar na recensão das fontes documentais elaborada pela ADBS (Associação dos Profissionais de Informação e de Documentação)¹⁴. Considerando esse balanço no plano da abertura, temos que nos felicitar pelo lugar reconhecido atualmente às pesquisas sobre a articulação produção/reprodução, muitas vezes retomadas sob o tema da relação entre a vida profissional e a vida familiar. Foi tema de todo um conjunto de pesquisas financiadas pela *Caisse Nationale des Allocations Familiales* (Caixa Nacional dos Auxílios de Família). Jacques Commaille fez a síntese disso em sua obra: *Les Stratégies des Femmes. Travail, famille et politique* (As estratégias das mulheres. Trabalho, família e política)¹⁵. Igualmente, puderam ser concretizadas colaborações intelramente inéditas entre o INSEE e o CNRS, assegurando um desenvolvimento muito importante das pesquisas sobre o conjunto da produção doméstica, e foi Christine Delphy, a partir dos trabalhos sobre o trabalho doméstico, que coordenou com Yannick Lemel, do INSEE, o conjunto dessas pesquisas. Todos esses elementos testemunham a favor do reconhecimento do lugar das mulheres como um lugar integral nas práticas sociais, e não um capítulo específico, ou secundário, tal como expresso nos anos 60.

Se não considerarmos a abertura de novas problemáticas porém a renovação das pesquisas, o balanço da influência das pesquisas feministas será mais matizado, até mesmo mais contraditório. A contribuição da perspectiva feminista é acompanhada hoje pelo desenvolvimento de pesquisas em ciências sociais sobre as relações de sexo, que ocultam ou negam a questão das relações de dominação e deixam de falar sobre a contribuição das feministas para a pesquisa. Considerando desse modo a história das idéias sobre a questão do trabalho feminino, poderíamos ter a tentação de mostrar que hoje ela está longe de se caracterizar por uma renovação das problemáticas, mas antes por um retorno do gosto por problemáticas antigas sobre a complementaridade dos valores masculinos e femininos. Sabe-se que durante muito tempo dominou a tese da complementaridade dos papéis dos sexos, isto é, do fechamento das mulheres na família, cortadas da produção social. Assim, na ausência de uma análise das relações sociais de sexo, a divisão sexual do trabalho por muito tempo ficou reduzida às diferenças biológicas, aparecendo sua evolução como inteiramente dependente das outras determinações sociais.

¹³ Rede MAGE - Mercado de Trabalho e Gênero. A construção social das diferenças de sexo. Projeto apresentado ao CNRS Parecer em andamento.

¹⁴ YVON-DEYME, Brigitte, GALLAND, Colette e PUJOL, Françoise. *Répertoire des Centres de Ressources Documentaires Femmes dans les Pays Francophones* Paris: La Documentation Française, col. Droits des Femmes, 1994, 212 p. Segundo essa recensão sem pretensão de ser exaustiva, referente a 21 países (em 37 países membros da rede de língua francesa da ACCT), o **trabalho** vem em primeiro lugar (72,4%), seguido de perto pela **família** (71,5%), depois pelo **feminismo** (62%), a **educação** (61%), a **sociologia** (60%) e a **saúde** (52%).

¹⁵ COMMAILLE, Jacques. *Les Stratégies des Femmes. Travail, famille et politique*. Paris: Editions La Découverte, documentado com textos/Série Sociologia, 1993, 190 p

Hoje em dia, as novas perspectivas de análise do trabalho são de que não há necessidade nem da especialização dos papéis masculinos e femininos nem da complementaridade das funções: isso era a visão funcionalista e romântica da dominação, superação da inferioridade pela complementaridade e pela diferença. A perspectiva agora é situar no mesmo plano a análise dos homens e a das mulheres, e isso tanto na organização do trabalho quanto dentro da família. A análise da dominação, entretanto, é recusada por muitos pesquisadores, que então freqüentemente a apresentam como uma etapa já ultrapassada das problemáticas. Nessa perspectiva, a obra *La Famille: Etat des savoirs* (A família: Estado dos conhecimentos) pode permanecer particularmente silenciosa quanto à sexualidade, quanto às violências conjugais e familiares. Como a análise da dominação se inclui no feminismo ou na política, ela é reputada não-científica para alguns, enquanto que a discriminação de que as mulheres são vítimas parece menor que há vinte anos.

Finalmente, nessa perspectiva crítica do desenvolvimento das pesquisas sobre a família em andamento, é importante acentuar o aparecimento de novas tendências que representam de fato uma volta atrás sobre os valores do familiarismo, muito mais que as novas perspectivas que os autores pensam estar abrindo. Apoiando-se em uma construção excessivamente caricatural e portanto parcialmente errônea de um antagonismo inerente do feminismo e da maternidade, os autores parecem se felicitar pelos novos valores que permitem reconciliar melhor novas mulheres e maternidade¹⁶. Essa questão é importante hoje, quando estão voltando de maneira indiferenciada, da direita ou da esquerda, os novos valores da família como "fundamento da sociedade".

Para encerrar este balanço e abrir em direção a novas questões, aí vão algumas reflexões sobre os desenvolvimentos que se pode esperar no campo das pesquisas feministas. O título *Le Sexe du Travail* (O sexo do trabalho) é o ponto de partida de uma multiplicidade de obras que, todas, se interrogam sobre a sexuação dos conceitos e o recorte dos temas de pesquisa: *Le Sexe du Pouvoir* (O sexo do poder), *Le Sexe des Sciences* (O sexo das ciências), *Le Sexe des Politiques Sociales* (O sexo das políticas sociais)¹⁷. Essas obras exprimem a passagem da análise de práticas sociais que se vinculam necessariamente aos dois sexos para a construção de categorias de pensamento passíveis de dar conta da diferença nessas práticas.

Agora, um certo número de perguntas sobre a prática científica. Será a prática cognitiva distinta para os homens e as mulheres, baseando

¹⁶ Cf. por exemplo uma apresentação desses debates por COMMAILLE, Jacques. *Les Stratégies des Femmes. Travail, famille et politique*, op. cit., p. 145

¹⁷ AUBERT, Nicole, ENRIQUEZ, Eugène e DE GAULEJAC, Vincent (org.). *Le Sexe du Pouvoir. Femmes, hommes et pouvoirs dans les organisations*. Paris: EPI-Desclée de Brouwer, 1986, 422 p.; COLLIN, Françoise (org.) *Le Sexe des Sciences. Les femmes en plus*. Paris: Autrement, Série Sciences en Société, 6, 1992, 205 p.; GAUTIER, Arlette e HEINEN, Jacqueline (org.). *Le Sexe des Politiques Sociales*. Paris. Côté-femmes, col Recherches, 1993, 189 p

novas diferenças ontológicas? Retomo as análises de Françoise Collin na obra organizada por ela. Não só até o momento a questão das mulheres nas ciências é pouco abordada, mas também parece que na França o ponto de vista majoritário é oposto a qualquer definição da prática científica como prática masculina. No entanto, nesse campo, não podemos afastar a contribuição de Luce Irigaray. Seu ponto de vista radical nos obriga a refletir sobre a pesquisa de simbolizações diretamente relacionadas com cada um dos sexos, apesar da suspeita que pesa sobre essa problemática. Enfim, muitas outras questões estão agora abertas em diversos campos. Lembre-se principalmente a questão do poder, reconsiderado em suas diferentes dimensões. As ações conduzidas pelo movimento dito da paridade estão relançando esse debate, e com particular acuidade em relação aos partidos políticos¹⁸.

¹⁸ Cf. o debate contraditório apresentado no nº 6 de *Politis. La revue*, fevereiro-abril: VIENOT, Eliane. *Parité: les enjeux et les craintes*; e HIRATA, Helena, KERGOAT, Danièle, RIOT-SARCEY, Michèle e VARIKAS, Eleni. *Parité ou Mixité*, p. 113-118